

PRESERVANDO A CULTURA TIBETANA NO BRASIL:

ENTREVISTA COM JIGME TSERING

Preserving tibetan culture in Brazil: interview with Jigme Tsering

Loyane Aline Pessato Ferreira*

Plinio Marcos Tsai**

Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França***

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

DOI: 10.29327/256659.15.1-21



* Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e professora voluntária do Instituto Pramana. E-mail: loyaneferreira@gmail.com

** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), diretor geral do Instituto Pramana, com titulação de Doutor (PhD) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Sinologia (Sinology) pelo Departamento de Ciências Sociais. Professor Colaborador do Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) a partir de 2022. E-mail: pliniomarcostsai@gmail.com

*** Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Monja na Associação Buddha-Dharma em Valinhos (SP) e editora da Revista Mandrágora e participa dos encontros do Grupo de Pesquisa Mandrágora Netmal. E-mail: nirvanafranca@gmail.com

O Tibete, hoje, é uma região autônoma no sudoeste da China. Caracterizado por sua vasta e elevada planície, conhecida como *teto do mundo*. Cercado pelas montanhas do Himalaia ao sul, o Tibete faz fronteira com a Índia, Nepal, Butão e Mianmar. Com uma altitude média de 4.500 metros, a paisagem é dominada por montanhas, vales profundos e lagos. A população estimada é de aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, predominantemente tibetanos (*U.S. Department of State, 2022*). O povo tibetano se formou a partir de antigas tribos nômades que se estabeleceram na região há milhares de anos, desenvolvendo uma cultura rica e distinta marcada pelo budismo tibetano.

A História do Tibete e sua proximidade com a China é tão antiga quanto a história de *lamas*¹ budistas assumindo a responsabilidade política de seu território (Lama, 2001). No século XIX, a história se tornou mais complexa, com a entrada do movimento imperialista britânico na região, que entrecortava antigas e fluidas relações, com determinações comerciais e esforços em realizar delimitações – algo que se perpetrou em toda a Ásia. Na região tibetana, essa presença precipitou rompimentos entre a China e o Tibete, e o movimento tibetano no sentido de afirmar não apenas sua autonomia, mas também sua independência (Lama, 2001). Mesmo até a Segunda Guerra Mundial, conforme conta o Dalai-Lama (2001, p.82), o Tibete teve sua existência como corpo político autônomo aceita, uma vez que outros Estados se dirigiam a ele, e não houve questionamentos ao seu posicionamento – tomando parte inclusive de reuniões de delegações de outros países em ocasiões determinantes.

Desta maneira, desde 1912, quando da declaração da independência, até 1950, o Tibete foi considerado independente (Lama, 2001, p.81-82). Neste ínterim, em 1934, o XIII Dalai Lama faleceu.

A invasão do Tibete pela China ocorreu em 1950, quando o Exército de Libertação Popular entrou na região, resultando no Acordo de Dezessete Pontos de 1951, que afirmava a soberania chinesa sobre o Tibete enquanto prometia manter seu sistema político e a liderança do Dalai Lama. No entanto, a crescente interferência chinesa gerou descontentamento entre os tibetanos, culminando na insurreição de Lhasa em 1959. Após a repressão violenta da revolta pelas forças chinesas, o XIV Dalai Lama fugiu para a Índia, onde estabele-

¹ Lamas tibetanos são monges budistas do Tibete, considerados mestres espirituais e líderes religiosos. Eles desempenham um papel central na transmissão dos ensinamentos do Budismo Tibetano, na orientação espiritual das comunidades e na preservação das tradições religiosas. Geralmente passam por educação formal em textos e explicações tradicionais.

leceu um governo no exílio em Dharamsala. Este governo no exílio, conhecido como Administração Central Tibetana, busca preservar a cultura tibetana, promover a autonomia genuína para o Tibete e servir como representante do povo tibetano na diáspora. Desde então, a questão tibetana permanece um ponto de tensão internacional, com denúncias contínuas de violações dos direitos humanos e da liberdade religiosa no Tibete sob o domínio chinês (Sperling, 2004)

Sobre a liberdade religiosa no território, o *U.S. Department of State* (2022) declarou que a Constituição da China afirma que os cidadãos podem usufruir de liberdade de crença religiosa, limitando essa proteção ao que denomina “atividades religiosas normais”, sem, contudo, definir os parâmetros de normalidade. O governo reconhece ainda cinco religiões oficiais: Budismo, Taoísmo, Islamismo, Protestantismo e Catolicismo, e só permite atividades religiosas de grupos registrados e pertencentes a uma das cinco associações religiosas patrióticas sancionadas pelo Estado. No Tibete, a Administração Estatal de Assuntos Religiosos (SARA) e o Departamento de Trabalho da Frente Unida (UFWD) do Partido Comunista Chinês (PCC) controlam rigorosamente as atividades religiosas, incluindo a seleção e reconhecimento de *lamas* reencarnados. Os regulamentos exigem que representantes religiosos jurarem lealdade ao PCC e ao socialismo, e proíbem o envolvimento de organizações ou indivíduos estrangeiros. Além disso, menores de 18 anos são proibidos de participar de atividades religiosas, o que afeta significativamente a prática e a transmissão do Budismo Tibetano.

Esse descontentamento e principalmente os riscos à integridade física fizeram com que muitos tibetanos migrassem, estabelecendo-se nos assentamentos de refugiados na Índia e ou para diversos outros países. Na Índia são cerca de 72.000 refugiados nos assentamentos (IANS, 2022). Em decorrência disso e em resposta à ameaça à herança cultural após a invasão chinesa, desenvolve-se um movimento internacional para preservação da língua e da cultura tibetana, com a fundação, em vários locais, das *Tibet Houses*. Essas instituições servem como centros educativos, oferecendo programas e eventos que destacam diferentes aspectos da tradição tibetana. No Brasil, a *Tibet House* Brasil foi inaugurada em São Paulo, funcionando também como um ponto de encontro para estudiosos e praticantes interessados no Budismo Tibetano. Além de promover a cultura tibetana através de exposições, palestras e cursos, a *Tibet House* Brasil também apoia a comunidade tibetana da América Latina e facilita intercâmbios culturais entre o Brasil e o Tibete, fortalecendo os laços internacionais e preservando a identidade tibetana.

Nosso entrevistado, Jigme Tsering, é o diretor executivo da *Tibet House* em São Paulo, com a função de representar, na América Latina, o Dalai Lama – prêmio Nobel da Paz (1989) e reconhecido líder da tradição budista do Tibete. Tsering, como diretor executivo, lidera e organiza atividades como exposições de Arte Tibetana Sagrada de Mandala de Areia; ciclos de ensinamentos budistas em cursos e palestras; conferências em colaboração com órgãos internacionais, tais como a *United Religions Initiative International*, retiros e ciclos de meditação – dentre outros, em colaborações com mestres, artistas e professores budistas principalmente tibetanos. Em 2023, Tsering liderou a organização de uma turnê de ensinamentos do líder espiritual tibetano por toda a América Latina, denominada “Conexão com a Compaixão” – que também celebrou o 88º aniversário do Dalai Lama. O ciclo passou por Costa Rica, México, Colômbia, Chile e Argentina.

Ele conta sobre o trabalho desenvolvido, a vida no exílio, dentre outros pontos. A entrevista ocorreu como uma mesa redonda entre Jigme Tsering e Loyane Aline Pessato Ferreira, Plínio Marcos Tsai e Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França, em inglês, por meio da plataforma de conferências Zoom, em 15 de maio de 2024.

Entrevistadores: Poderia nos contar um pouco sobre sua história aqui no Brasil? Como tem sido seu trabalho com a *Tibet House* e como foi migrar para o Brasil?

Jigme Tsering: Bom dia, eu sou Jigme Tsering, representante de Sua Santidade o Dalai Lama e da Administração Central Independente na Índia. Eu vim para o Brasil como diretor executivo da *Tibet House* com um visto de trabalho.

Na *Tibet House*, nosso principal objetivo é promover a visão e os interesses de Sua Santidade o Dalai Lama, focando na preservação e sobrevivência da cultura tibetana. Nossa civilização e cultura são baseadas na compaixão e na não-violência. Por isso, estamos aqui no Brasil para promover nossa cultura e, também, para trocar experiências com o povo brasileiro sobre sua cultura.

Antes dos anos 1990, muitos outros professores tibetanos vieram ao Brasil, realizando diversas palestras sobre o Budismo Tibetano com muito sucesso. Entre 1992 e 2011, Sua Santidade visitou o Brasil quatro vezes, o que contribuiu significativamente para a disseminação do Budismo Tibetano no país. Isso despertou um grande interesse entre as pes-

soas, que buscam a paz interior e encontram no Budismo Tibetano uma alternativa para isso.

Essas visitas foram coordenadas com o escritório do Tibete em Washington, Nova York, e com a Professora Lia Diskin e outros organizadores no Brasil e em outras partes da América Latina. Por volta de 2013 e 2014, discutiu-se a possibilidade de ter um escritório na América Latina, ao invés de operar apenas dos Estados Unidos. Assim, escolhemos o Brasil como sede principal, estabelecendo a *Tibet House* em 2015.

O primeiro representante e diretor executivo da *Tibet House* foi o Tsewang Phuntsog, que coordenou a abertura do escritório. Desde então, estamos operando para preservar a cultura e tradição tibetana, além de promover a troca cultural com os brasileiros.

Esse é o principal motivo de estarmos aqui.

Entrevistadores: Como você vê seu papel, considerando sua trajetória, que é parte da história da comunidade tibetana e da missão da *Tibet House*?

Jigme Tsering: Como mencionei, a missão da *Tibet House* é preservar a civilização e a cultura tibetana e compartilhá-las com os povos da América Latina, não apenas do Brasil, mas de todos os países latino-americanos. Nosso objetivo é compartilhar nossa sabedoria, filosofia, história, tradição de compaixão e não-violência, e a paz interior do Tibete. Queremos inspirar as pessoas a se unirem aos nossos esforços para proteger e salvar o patrimônio espiritual e cultural tibetano, especialmente em um momento em que estamos em risco de extinção devido à grande influência chinesa. Acreditamos que a cultura tibetana é vital e valiosa, não apenas para o povo tibetano, mas para toda a comunidade internacional.

Estamos comprometidos em garantir que o espírito tibetano nunca desapareça desta parte do mundo. Como disse Sua Santidade, a cultura budista tibetana é uma cultura de paz e não-violência, e sua preservação é muito necessária, pois é uma tradição de paz, amor e compaixão. Acreditamos que a cultura tibetana pode nos ajudar a criar um mundo mais feliz e pacífico através da paz interior e da mente tranquila. Estas são as nossas metas.

Na *Tibet House*, estamos focados na filosofia budista tibetana, cultura tibetana, arte tibetana, dança tibetana, culinária tibetana, entre outros aspectos da nossa cultura. Nosso objetivo é promover e mostrar aos países latino-americanos nossa cultura e buscar seu apoio para preservá-la. Organizamos palestras, workshops e treinamentos para que as pes-

soas possam aprender, como aulas de língua tibetana para que possam ler textos budistas diretamente na língua original.

Também buscamos intercâmbios com universidades e institutos que queiram colaborar conosco. Um exemplo disso é o programa de intercâmbio que tivemos com a USP sobre medicina e astrologia tibetana, quando enviamos pessoas de São Paulo para participarem.

Entrevistadores: Você mencionou workshops e palestras. Quais as iniciativas da *Tibet House* para envolver brasileiros interessados no Budismo ou na cultura tibetana? Que atividades você poderia destacar como parte disso?

Jigme Tsering: Nossa principal atividade é promover e ensinar a filosofia budista tibetana. Temos pelo menos cinco escolas diferentes, e tentamos trazer professores dessas escolas para o Brasil para darem palestras sobre a filosofia budista tibetana, meditação, entre outros aspectos relacionados à nossa cultura. A *Tibet House* não é um centro de Dharma,² mas um centro cultural. Não realizamos atividades religiosas; essas são feitas pelos centros de Dharma.³

Estamos aqui para ensinar a filosofia budista como uma ciência, para que as pessoas possam entender o que é a filosofia budista e como ela pode ser importante para a vida diária. Também oferecemos workshops sobre medicina tibetana, astrologia tibetana, massagem tibetana, entre outros, para promover a saúde física e mental.

Nos últimos anos, temos realizado workshops de Mandala de Areia⁴ e aulas de *Thangka*⁵ tibetana, ensinando as técnicas e a filosofia por trás dessas artes. Trazemos artistas tibetanos ao Brasil para mostrar nossa tradição e, às vezes, oferecemos workshops conforme o tempo e a instituição com a qual estamos trabalhando. Também oferecemos aulas

² A expressão “centro de Dharma” faz referência aos locais de ensino e prática da religião e da filosofia budista. A palavra *dharma* aqui é empregada como doutrina, ensinamento budista.

³ As atividades religiosas desenvolvidas nos Centros de Dharma Tibetanos são variadas, há recitações, práticas de meditação e ritos que podem ser feitos em tibetano ou traduzidas, conhecidas como *pujas*, além de outras práticas devocionais e espirituais.

⁴ Mandala de areia é uma prática meditativa que consiste em fazer desenhos de mandalas utilizando grãos de areias pintadas. Após concluída, esta expressão artística é destruída consistindo numa forma de meditação sobre impermanência.

⁵ *Thangka* são pinturas em tecidos, normalmente retratadas imagens de Buda, deidades de meditação ou passagens da vida do Buda. Trata-se de um estilo próprio com uma grande riqueza de cores e detalhes.

online de língua tibetana para aqueles que não podem vir à *Tibet House*, e em breve teremos aulas de culinária tibetana.

Estas são algumas das atividades que realizamos regularmente na *Tibet House*.

Entrevistadores: As próximas duas perguntas são sobre a cultura tibetana e brasileira, então talvez possamos juntá-las. Como você, como tibetano, percebe a cultura brasileira? E como ela influenciou sua vida?

Jigme Tsering: Para mim, a cultura brasileira e a tibetana têm muitas semelhanças, especialmente por eu ter vivido na Índia, que é uma área tropical assim como o Brasil. Isso influencia bastante, pois os alimentos e os hábitos climáticos são semelhantes. Os brasileiros são muito receptivos, assim como os indianos. Eles gostam de conversar e são muito bons na comunicação.

No entanto, o maior choque cultural é a barreira linguística. Os brasileiros consideram o inglês como uma língua estrangeira, mesmo que o português também seja. O inglês não é uma língua obrigatória nas escolas, o que dificulta a comunicação. Fora isso, tudo é muito parecido com a Índia: muito desenvolvido, avançado, de mente aberta e liberal. Eles procuram aprender sobre diferentes culturas e línguas, o que é uma experiência positiva para mim.

Entrevistadores: E como os professores e monges tibetanos que visitam o Brasil articulam e mediam a experiência entre as duas culturas, na sua opinião?

Jigme Tsering: Eles não encontram muitas diferenças em comparação com outros países ocidentais. O maior problema é a língua. No entanto, eles sempre acham os brasileiros muito receptivos e respeitosos com os professores tibetanos. A comunicação é a principal barreira, mas, de modo geral, a resposta dos brasileiros é muito positiva.

Entrevistadores: Existem tibetanos vivendo aqui?

Jigme Tsering: Sim, existem alguns tibetanos vivendo no Brasil. Por exemplo, há um tibetano vivendo perto da fronteira entre São Paulo e Minas Gerais, na região do Rio de Janeiro. Este é o Lama Chimi. No sul, em alguns lugares, há alguns tibetanos. No total, temos cerca de quatro tibetanos no Brasil. Além disso, minha esposa e meu filho estão aqui, completando

nossa família. Há também muitos butaneses, que têm uma cultura muito semelhante à tibetana. Temos alguns sherpas nepaleses⁶ e indianos aqui, totalizando cerca de doze a treze pessoas do Himalaia vivendo no Brasil.

Estamos felizes aqui, especialmente em São Paulo, onde nunca me consideraram um estrangeiro. Sempre me tratam como parte da comunidade, tentando falar comigo em português.

Entrevistadores: Agora vamos falar um pouco de história, talvez antes da sua própria história. Qual é a relação do povo tibetano com o Budismo? Depois que muitos foram forçados a se realocar, como eles mantêm essa relação em outro país?

Jigme Tsering: Cultura e língua são partes fundamentais da vida. Quando você tem uma língua e uma cultura, pode preservar sua religião. Nós nos mudamos do Tibete para a Índia, mas preservamos nossa língua e cultura no exílio. O governo indiano foi gentil o suficiente para nos acomodar em escolas específicas para tibetanos, chamadas de *Central School for Tibetan Administration*. Eles não nos obrigaram a nos misturar com a comunidade indiana, o que nos permitiu manter nossa cultura.

Eles nos permitiram estabelecer nossos próprios mosteiros, e começamos a criar diferentes escolas e mosteiros. Agora, temos tudo o que tínhamos no Tibete replicado na Índia, Nepal e Butão, onde podemos aprender nossa cultura. Durante as últimas seis décadas no exílio, temos nos esforçado para preservar nossa cultura e tradição sob a liderança de Sua Santidade o Dalai Lama e outros líderes religiosos. Embora tenhamos enfrentado dificuldades devido à modernização e ao desinteresse das gerações mais jovens em seguir a vida monástica, temos preservado bem nossa cultura.

Entrevistadores: A história dos tibetanos é marcada por décadas de exílio. Poderia nos contar um pouco sobre sua própria vida antes do Brasil?

Jigme Tsering: Como mencionei, temos escolas separadas para tibetanos, onde comecei meus estudos. Depois, me juntei à Administração Central Independente, que é o governo

⁶ Sherpas são um grupo étnico do Nepal, formado por agricultores e comerciantes, famosos no mundo por suas habilidades de montanhismo. Normalmente auxiliam os alpinistas em suas expedições.

tibetano no exílio, trabalhando como servidor público desde 1992. Trabalhei em diferentes escritórios e lugares, e, também fui para os Estados Unidos estudar Ciência da Computação. Depois de me formar em uma universidade indiana e estudar nos EUA, voltei para a Índia e continuei trabalhando por mais oito ou nove anos.

Fui, então, nomeado para o Brasil como representante de Sua Santidade e da comunidade tibetana no exílio. Sou também o diretor executivo da *Tibet House*, conforme as leis brasileiras. Minha jurisdição inclui não apenas o Brasil, mas todos os países da América Latina, desde o México até a América do Sul. Portanto, sou responsável por todas as questões políticas e culturais da nossa comunidade nesses países, embora esteja baseado no Brasil.

Meu objetivo é cuidar de todas essas questões, mas, especificamente no Brasil, atuo como diretor executivo da *Tibet House*.

Entrevistadores: Você acha que é possível associar a migração à disseminação da cultura tibetana e do Budismo ao redor do mundo?

Jigme Tsering: Migração e disseminação cultural são coisas diferentes. Não estamos focados na migração, mas sim na influência cultural. Muitos brasileiros e latino-americanos adotaram aspectos do Budismo Tibetano, como práticas diárias e vestimentas. Não estamos planejando trazer tibetanos para a América Latina ou Brasil devido a razões políticas e à influência chinesa.

Culturalmente, há muitas iniciativas em andamento. Às vezes penso que deveríamos fazer um censo para saber quantos brasileiros são budistas e, entre eles, quais são seguidores do Zen, do Budismo Tibetano ou outras tradições. É importante para nós que as pessoas estudem e compreendam a religião antes de qualquer conversão. Sua Santidade é completamente contra a conversão sem conhecimento pleno e estudo prévio. Nosso objetivo é que as pessoas estudem e, se acharem que isso as ajuda, então façam a conversão com total conhecimento.

Entrevistadores: No início da sua fala, você mencionou algo sobre isso... Agora, vivemos em um tempo em que a violência prevalece, com guerras acontecendo ao redor do mundo. Muitas pessoas foram forçadas a deixar suas casas por causa disso, e este é o caso dos tibetanos. Você acredita que seu papel na *Tibet House* contribui para a cultura de paz?

Jigme Tsering: Sim. Se você observar, não apenas no Budismo Tibetano, as pessoas que mudaram sua mentalidade para estudar o budismo geralmente têm uma mentalidade voltada para a paz. Elas nunca pensam na violência, sempre pensam na não-violência e tentam viver em paz e ser compassivas. Esse é o nosso objetivo.

Tenho visto muitas pessoas que estudam a filosofia budista e que sempre apoiam soluções pacíficas. A violência no mundo está frequentemente relacionada a questões econômicas, é um negócio. Não é um problema entre você e eu, mas um problema econômico ou uma luta cultural. As pessoas precisam aprender a respeitar outras culturas para receber respeito em troca.

Somos completamente contra a violência, mas, como um povo exilado, temos limitações e não podemos interferir em instituições governamentais, pois não seremos aceitos como mediadores. No entanto, podemos desempenhar um bom papel se nos permitirem dialogar.

Entrevistadores: Uma pergunta. É sobre os direitos das mulheres e a igualdade de gênero. Como está a posição atual da cultura tibetana em relação a isso? Está mudando agora ou sempre houve igualdade de gênero? Como foi a história da luta pelos direitos das mulheres na cultura tibetana?

Jigme Tsering: Acho que não há problema com as mulheres na cultura tibetana. Toda mulher tibetana é importante. A mãe é a primeira professora de compaixão, como diz Sua Santidade. As mulheres têm todos os direitos dentro da família. Costumamos dizer que a qualidade da família depende da mulher na casa, da mãe. Consideramos a mãe uma parte muito importante da família e da sociedade. Não temos questões de direitos humanos como o ocidente concebe. No Tibete, todos têm os mesmos direitos para estudar e trabalhar.

No entanto, devido às circunstâncias da época, as mulheres geralmente ficavam em casa enquanto os homens saíam para trabalhar. Hoje, temos muitas mulheres no Parlamento e em cargos de liderança. Sua Santidade disse que as mulheres são líderes melhores porque têm um coração mais afetuoso. No governo tibetano no exílio, cerca de 60% dos funcionários são mulheres e 40% são homens. Portanto, as mulheres têm uma forte presença na administração tibetana.

Entrevistadores: Então, na cultura tibetana atual, as mulheres podem trabalhar como os homens ou ainda devem permanecer em casa cuidando da família? Como isso funciona hoje em dia?

Jigme Tsering: Sim, temos muitas mulheres parlamentares e elas têm os mesmos direitos que os homens. Até Sua Santidade disse que as mulheres são as melhores líderes por causa de sua compaixão. No governo tibetano no exílio, a maioria dos funcionários é composta por mulheres, o que demonstra a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Entrevistadores: E sobre as minorias, como a comunidade LGBTQ? Aqui no Brasil, temos muitos conflitos com a sociedade tradicional, principalmente com cristãos que não aceitam esse tipo de comportamento. Como a cultura tibetana vê essa questão em relação ao Budismo? Como os tibetanos se sentem sobre essa questão?

Jigme Tsering: Cada ser é igual. Não temos discriminação. Não há qualquer discriminação, é um direito de cada um. Se você observar a maioria dos centros de Dharma no Ocidente, muitos dos membros são pessoas LGBTQ. Se houvesse um problema, por que estariam lá?

Entrevistadores: Então podemos dizer que há uma espécie de convite, certo? Um tipo de amparo para essa escolha de vida, certo?

Jigme Tsering: Não há necessidade de convite. Todos têm o direito de ir a qualquer lugar. Não é necessário um amparo especial para eles. Podem se tornar monges, monjas, ou fazer parte de qualquer administração. Eles têm os mesmos direitos que qualquer mulher.

Entrevistadores: Certo. Então você tem mais alguma pergunta difícil para o Jigme? Eu tenho uma pergunta difícil para o Jigme. Você gosta da comida brasileira, como feijoada e dobradinha? Ou você tem dificuldade em se adaptar ao sabor da comida brasileira?

Jigme Tsering: Feijoada é muito forte para mim, com muitos tipos de carne. Eu não consigo comer muito. Já experimentei algumas vezes, mas não consigo me adaptar.

Entrevistadores: E quanto aos tibetanos que vêm visitar o seu centro? Como eles reagem à comida?

Jigme Tsering: A comida é muito boa, porque é quase igual à da Índia ou do Tibete. Eles gostam de muita carne, muitos vegetais verdes, arroz e feijão. Esses são os alimentos diários que costumamos comer. Alguns tibetanos não comem arroz, mas consomem muitos pães. A comida não é um problema. A comida e o clima não são problemas.

Entrevistadores: Agora, falando sobre o diálogo inter-religioso. No Tibete, no passado, havia igreja cristã ou mesquita islâmica? Como era a relação entre as religiões na época do XIII Dalai Lama, XII Dalai Lama? E como é a diferença agora na vida em Dharamsala e em outras comunidades de refugiados na Índia e nos Estados Unidos? Como é a mistura entre as pessoas de diferentes religiões?

Jigme Tsering: No passado, antes de 1959, havia muçulmanos que vieram da Caxemira ou do Nepal e falavam um dialeto muito bom do tibetano. Atualmente, eles estão em Srinagar, na Índia, com seu próprio assentamento. Não há problema entre a comunidade tibetana e a comunidade muçulmana. Eles são convidados principais em nossas atividades religiosas. Se misturam bem com o Budismo Tibetano.

Na parte oriental do Tibete, há alguns missionários católicos com suas próprias igrejas, sem nenhum problema. No passado, tudo era pacífico. Agora falamos sobre direitos humanos e diálogos inter-religiosos devido à violência entre diferentes religiões. No Tibete, não havia essa sensação de necessidade de direitos humanos, pois todos viviam em harmonia.

Entrevistadores: Temos uma última pergunta. Você se considera uma pessoa religiosa?

Jigme Tsering: Sim, na prática, sou religioso, mas não sou um professor de religião.

Entrevistadores: Você acha difícil praticar sua religião fora do seu país, fora da sua comunidade regional?

Jigme Tsering: Não, de forma alguma. Nunca estive em um país com restrições. Fui para países livres, então não encontrei problemas. Se eu fosse à China, não sei.

Entrevistadores: Entendi. Então, não temos mais perguntas.

Jigme Tsering: Obrigado.

* * * * *

Interviewers: Could you tell us a bit about your story here in Brazil? How has your work with *Tibet House* been and how was migrating to Brazil?

Jigme Tsering: Good morning, I am Jigme Tsering, representative of His Holiness the Dalai Lama and the Central Tibetan Administration in India. I came to Brazil as the executive director of *Tibet House* with a work visa.

At *Tibet House*, our main goal is to promote the vision and interests of His Holiness the Dalai Lama, focusing on the preservation and survival of Tibetan culture. Our civilization and culture are based on compassion and non-violence. Therefore, we are here in Brazil to promote our culture and also to exchange experiences with the Brazilian people about their culture.

Before the 1990s, many other Tibetan teachers came to Brazil, giving various lectures on Tibetan Buddhism with great success. Between 1992 and 2011, His Holiness visited Brazil four times, which significantly contributed to the dissemination of Tibetan Buddhism in the country. This sparked great interest among people who seek inner peace and find an alternative for this in Tibetan Buddhism.

These visits were coordinated with the Tibet office in Washington, New York, and with Professor Lia Diskin and other organizers in Brazil and other parts of Latin America. Around 2013 and 2014, the possibility of having an office in Latin America, instead of operating only from the United States, was discussed. Thus, we chose Brazil as the main headquarters, establishing *Tibet House* in 2015.

The first representative and executive director of *Tibet House* was Tsewang Phuntso, who coordinated the opening of the office. Since then, we have been operating to preserve Tibetan culture and tradition, as well as promoting cultural exchange with Brazilians.

This is the main reason we are here.

Interviewers: We can move on to the second question now. How do you see your role, considering your journey, which is part of the history of the Tibetan community and the mission of *Tibet House*?

Jigme Tsering: As I mentioned, the mission of *Tibet House* is to preserve Tibetan civilization and culture and share them with the peoples of Latin America, not only in Brazil but in all Latin American countries. Our goal is to share our wisdom, philosophy, history, tradition of

compassion and non-violence, and inner peace from Tibet. We want to inspire people to join our efforts to protect and save the Tibetan spiritual and cultural heritage, especially at a time when we are at risk of extinction due to the great Chinese influence. We believe that Tibetan culture is vital and valuable, not only for the Tibetan people but for the entire international community.

We are committed to ensuring that the Tibetan spirit never disappears from this part of the world. As His Holiness has said, Tibetan Buddhist culture is a culture of peace and non-violence, and its preservation is very necessary, as it is a tradition of peace, love, and compassion. We believe that Tibetan culture can help us create a happier and more peaceful world through inner peace and a calm mind. These are our goals.

At *Tibet House*, we focus on Tibetan Buddhist philosophy, Tibetan culture, Tibetan art, Tibetan dance, Tibetan cuisine, and other aspects of our culture. Our goal is to promote and show Latin American countries our culture and seek their support to preserve it. We organize lectures, workshops, and training so that people can learn, such as Tibetan language classes so they can read Buddhist texts directly in the original language.

We also seek exchanges with universities and institutes that want to collaborate with us. One example is the exchange program we had with USP on Tibetan medicine and astrology, where we sent people from São Paulo to participate.

Interviewers: You mentioned workshops and lectures. The next question is precisely about *Tibet House's* initiatives to engage Brazilians interested in Buddhism or Tibetan culture. What activities would you highlight as part of this?

Jigme Tsering: Our main activity is to promote and teach Tibetan Buddhist philosophy. We have at least five different schools, and we try to bring teachers from these schools to Brazil to give lectures on Tibetan Buddhist philosophy, meditation, and other aspects related to our culture. *Tibet House* is not a Dharma center but a cultural center. We do not conduct religious activities; those are done by the Dharma centers.

We are here to teach Buddhist philosophy as a science so that people can understand what Buddhist philosophy is and how it can be important for daily life. We also offer workshops on Tibetan medicine, Tibetan astrology, Tibetan massage, and other topics to promote physical and mental health.

In recent years, we have conducted Sand Mandala workshops and Tibetan Thangka painting classes, teaching the techniques and philosophy behind these arts. We bring Tibetan artists to Brazil to showcase our tradition, and sometimes we offer workshops depending on the time and the institution we are working with. We also offer online Tibetan language classes for those who cannot come to *Tibet House*, and soon we will have Tibetan cooking classes.

These are some of the activities we regularly conduct at *Tibet House*.

Interviewers: The next two questions are about Tibetan and Brazilian culture, so perhaps we can combine them. How do you, as a Tibetan, perceive Brazilian culture? And how has it influenced your life?

Jigme Tsering: To me, Brazilian and Tibetan cultures have many similarities, especially since I have lived in India, which is a tropical area like Brazil. This influences a lot, as the food and climate habits are similar. Brazilians are very welcoming, just like Indians. They enjoy talking and are very good at communication.

However, the biggest cultural shock is the language barrier. Brazilians consider English a foreign language, even though Portuguese is also a foreign language. English is not a compulsory language in schools, which makes communication difficult. Other than that, everything is very similar to India: very developed, advanced, open-minded, and liberal. They seek to learn about different cultures and languages, which is a positive experience for me.

Interviewers: And how do the Tibetan teachers and monks who visit Brazil articulate and mediate the experience between the two cultures, in your opinion?

Jigme Tsering: They do not find many differences compared to other Western countries. The biggest issue is the language. However, they always find Brazilians very receptive and respectful towards Tibetan teachers. Communication is the main barrier, but overall, the response from Brazilians is very positive.

Interviewers: Are there Tibetans living here?

Jigme Tsering: Yes, there are some Tibetans living in Brazil. For example, there is a Tibetan living near the border between São Paulo and Minas Gerais, in the Rio de Janeiro region.

This is Lama Chimi. In the south, in some places, there are a few Tibetans. In total, we have about four Tibetans in Brazil. Additionally, my wife and son are here, completing our family.

There are also many Bhutanese, who have a culture very similar to Tibetan. We have some Nepalese Sherpas and Indians here, totaling about twelve to thirteen people from the Himalayas living in Brazil.

We are happy here, especially in São Paulo, where I have never been considered a foreigner. They always treat me as part of the community, trying to speak to me in Portuguese.

Interviewers: Now let's talk a bit about history, perhaps before your own story. What is the relationship of the Tibetan people with Buddhism? After many were forced to relocate, how do they maintain this relationship in another country?

Jigme Tsering: Culture and language are fundamental parts of life. When you have a language and a culture, you can preserve your religion. We moved from Tibet to India, but we preserved our language and culture in exile. The Indian government was kind enough to accommodate us in specific schools for Tibetans, called Central School for Tibetan Administration. They did not force us to assimilate with the Indian community, which allowed us to maintain our culture.

They allowed us to establish our own monasteries, and we started to create different schools and monasteries. Now, we have everything we had in Tibet replicated in India, Nepal, and Bhutan, where we can learn our culture. During the last six decades in exile, we have strived to preserve our culture and tradition under the leadership of His Holiness the Dalai Lama and other religious leaders. Although we have faced challenges due to modernization and the younger generation's disinterest in monastic life, we have preserved our culture well.

Interviewers: The history of the Tibetans is marked by decades of exile. Could you tell us a bit about your own life before Brazil?

Jigme Tsering: As I mentioned, we have separate schools for Tibetans where I started my studies. Later, I joined the Central Tibetan Administration, which is the Tibetan government in exile, working as a civil servant since 1992. I worked in different offices and places, and I

also went to the United States to study computer science. After graduating from an Indian university and studying in the U.S., I returned to India and continued working for another eight or nine years.

I was then appointed to Brazil as the representative of His Holiness and the Tibetan community in exile. I am also the executive director of *Tibet House*, according to Brazilian law. My jurisdiction includes not only Brazil but all Latin American countries, from Mexico to South America. Therefore, I am responsible for all political and cultural issues of our community in these countries, although I am based in Brazil.

My goal is to take care of all these issues, but specifically in Brazil, I act as the executive director of *Tibet House*.

Interviewers: Do you think it is possible to associate migration with the dissemination of Tibetan culture and Buddhism around the world?

Jigme Tsering: Migration and cultural dissemination are different things. We are not focused on migration, but on cultural influence. Many Brazilians and Latin Americans have adopted aspects of Tibetan Buddhism, such as daily practices and attire. We are not planning to bring Tibetans to Latin America or Brazil due to political reasons and Chinese influence.

Culturally, there are many initiatives underway. Sometimes I think we should conduct a census to know how many Brazilians are Buddhists and, among them, which ones are followers of Zen, Tibetan Buddhism, or other traditions. It is important for us that people study and understand the religion before any conversion. His Holiness is completely against conversion without full knowledge and prior study. Our goal is for people to study and, if they find it helpful, then convert with full knowledge.

Interviewers: So, let's move on to another question. I believe at the beginning of your speech you mentioned something about this, but let's ask anyway. We now live in a time where violence is prevalent, with wars happening around the world. Many people have been forced to leave their homes because of this, and this is the case for Tibetans. Do you believe your role at *Tibet House* contributes to a culture of peace?

Jigme Tsering: Yes. If you observe, not only in Tibetan Buddhism, people who have shifted their mindset to study Buddhism generally have a peace-oriented mentality. They never

think about violence; they always think about non-violence and try to live in peace and be compassionate. That is our goal.

I have seen many people who study Buddhist philosophy and always support peaceful solutions. Violence in the world is often related to economic issues; it is a business. It is not a problem between you and me, but an economic or cultural struggle. People need to learn to respect other cultures to receive respect in return.

We are completely against violence, but as an exiled people, we have limitations and cannot interfere with governmental institutions, as we will not be accepted as mediators. However, we can play a good role if allowed to engage in dialogue.

Interviewers: Well, Jigme, I have one more question. Perhaps you can include it. It's about women's rights and gender equality. What is the current position of Tibetan culture in relation to this? Is it changing now, or has there always been gender equality? What has been the history of the struggle for women's rights in Tibetan culture?

Jigme Tsering: I think there is no problem with women in Tibetan culture. Every Tibetan woman is important. The mother is the first teacher of compassion, as His Holiness says. Women have all the rights within the family. We often say that the quality of the family depends on the woman in the house, the mother. We consider the mother a very important part of the family and society. We do not have human rights issues as the West conceives them. In Tibet, everyone has the same rights to study and work.

However, due to the circumstances of the time, women usually stayed at home while men went out to work. Today, we have many women in Parliament and leadership positions. His Holiness has said that women are better leaders because they have warmer hearts. In the Tibetan government in exile, about 60% of the staff are women and 40% are men. Therefore, women have a strong presence in the Tibetan administration.

Interviewers: In current Tibetan culture, can women work like men, or do they still have to stay at home taking care of the family? How does this work nowadays?

Jigme Tsering: Yes, we have many women parliamentarians, and they have the same rights as men. Even His Holiness has said that women are the best leaders because of their compassion. In the Tibetan government in exile, most of the staff are women, which demonstrates the equality of rights between men and women.

Interviewer: Now changing the subject a bit, about minorities such as the LGBTQ community. Here in Brazil, we have many conflicts with traditional society, especially the Christian society, which does not accept this type of behavior. How does Tibetan culture view this issue in relation to Buddhism? How do Tibetans feel about this issue?

Jigme Tsering: Every being is equal. We have no discrimination. There is no discrimination; it is a right of everyone. If you observe most Dharma centers in the West, many of the members are LGBTQ people. If there was a problem, why would they be there?

Interviewers: So we can say there is a kind of shelter, right? A sort of support for this life choice, correct?

Jigme Tsering: There is no need for special shelter. Everyone has the right to go anywhere. Special support is not necessary for them. They can become monks, nuns, or be part of any administration. They have the same rights as any woman.

Interviewers: Right. So do you have any more difficult questions for Jigme? I have a difficult question for Jigme. Do you like Brazilian food, such as feijoada and dobradinha? Or do you find it difficult to adapt to the taste of Brazilian food?

Jigme Tsering: Feijoada is too strong for me, with many types of meat. I can't eat much of it. I've tried it a few times, but I can't adapt.

Interviewers: And how about the Tibetans who come to visit your center? How do they react to the food?

Jigme Tsering: The food is very good because it is almost the same as in India or Tibet. They like a lot of meat, many green vegetables, rice, and beans. These are the daily foods we usually eat. Some Tibetans don't eat rice but consume a lot of bread. Food is not a problem. Food and climate are not problems.

Interviewers: Now, talking about inter-religious dialogue in Tibet in the past, was there a Christian church or an Islamic mosque there? What was the relationship between religions during the time of the XIII Dalai Lama, XII Dalai Lama? And how is it different now in the life in Dharamsala and other refugee communities in India and the United States? How is the mix between people of different religions?

Jigme Tsering: In the past, before 1959, there were Muslims who came from Kashmir or Nepal and spoke a very good dialect of Tibetan. Currently, they are in Srinagar, India, with their own settlement. There is no problem between the Tibetan community and the Muslim community. They are main guests at our religious activities. They mix well with Tibetan Buddhism.

In the eastern part of Tibet, there are some Catholic missionaries with their own churches, without any problem. In the past, everything was peaceful. Now we talk about human rights and inter-religious dialogues due to violence between different religions. In Tibet, there was no such sense of the need for human rights because everyone lived in harmony.

Interviewers: I have one last question. Do you consider yourself a religious person?

Jigme Tsering: Yes, in practice, I am religious, but I am not a religious teacher.

Interviewers: Do you find it difficult to practice your religion outside your country, outside your regional community?

Jigme Tsering: No, not at all. I have never been to a country with restrictions. I went to free countries, so I didn't encounter any problems. If I went to China, I don't know.

Interviewers: I understand. So, we have no more questions.

Jigme Tsering: Thank you.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IANS. *Over 58,000 Sri Lankan & 72,000 Tibetan refugees living in India*: MHA. New Dehli. India News. Disponível em <https://www.business-standard.com/article/current-affairs/over>

[-58-000-sri-lankan-72-000-tibetan-refugees-living-in-india-mha-122042700434_1.html](#).

Acesso em 12 de maio de 2024.

LAMA, Dalai. *Minha Terra e meu povo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

SPERLING, Elliot. *The Tibet-China Conflict: History and Polemics*. Washington: East-West Center, 2004. Disponível em <https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/server/api/core/bits/treams/1e1d426e-4622-4511-998c-28edafd7d6e0/content>. Acesso em 12 de maio de 2024.

TIBET HOUSE. **Breve História**. *Tibet House*. Sem Data. Disponível em <https://tibethouse.org.br/breve-historia/>. Acesso em 12 de maio de 2024.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. *2022 Report on International Religious Freedom: Tibet*. 2022. Disponível em <https://www.state.gov/reports/2022-report-on-international-religious-freedom/china/tibet/>. Acesso em 12 de maio de 2024.

Recebida em 30/05/2024

Aceita para publicação em 19/06/2024